ISSN- 2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE: DESAFIOS E RESPONSABILIDADES DA ESCOLA

Diana Landim Dos Passos Reis
Maria das Dores Nunes Sousa
Michelli Carla De Souza

Resumo: Este estudo discute os desafios enfrentados pela escola ao receber uma criança com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH). Trata-se de um transtorno do neurodesenvolvimento, com forte componente genético, caracterizado por desatenção, inquietação e impulsividade, que se manifesta na infância e pode acompanhar a pessoa ao longo da vida. Na escola, o quadro costuma ser associado ao comportamento do aluno, que pode responder ou não aos estímulos do ambiente e reagir, por exemplo, de forma impulsiva ou agressiva, sem pensar nas consequências, o que indica um desequilíbrio entre pensar, sentir e agir em sala de aula. A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender melhor o transtorno, ainda pouco debatido e estudado no cotidiano escolar, e de reconhecer formas de identificá-lo já nos primeiros anos de escolarização. Trata-se de um estudo teórico, baseado em pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos e atualizado com a legislação vigente, em especial a Lei nº 14.254/2021, e com os critérios do DSM-5-TR. O objetivo é ajudar professores a reconhecer sinais do transtorno e a trabalhar com essas crianças, de modo que superem suas dificuldades e alcancem níveis adequados de desenvolvimento emocional e cognitivo. O trabalho também mostra os desafios da criança ao iniciar a vida escolar e a grande missão da escola de acolher e ensinar, favorecendo seu desenvolvimento cognitivo e social.

Palavras-chave: Escola; TDAH; Desenvolvimento; Inclusão.

Diana Landim Dos Passos Reis - Pedagogia Universidade Norte do ParanáUnopar - especialização com educação especial inclusiva com ênfase na deficiência intelectual - Educação infantil com ênfase alfabetização **dianalandimreis@2021gmail.com**
Maria das Dores Nunes Sousa - prof.mdores2011@gmail.com - Graduada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia.
Michelli Carla De Souza -- Licenciatura Em Pedagogia E Serviço Social; Pós – Graduação Em Psicopedagogia Institucional - Instituição: Ulbra / Unopar. Educação Especial Com Ênfase No Transtorno Do Espectro Autista (Tea), Pela Faculdade Venda Nova Do Imigrante (Instituto De Educação Século Xxi) - mmichellicarla13@Hotmail.Com

ISSN- 2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

Abstract: This study discusses the challenges faced by schools when they receive a child diagnosed with Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD). It is a neurodevelopmental disorder with a strong genetic component, characterized by inattention, restlessness and impulsivity, which appears in childhood and may accompany the person throughout life. At school, the condition is often associated with the student's behavior: the child may or may not respond to environmental stimuli and may react, for example, impulsively or aggressively, without thinking about the consequences, which indicates an imbalance between thinking, feeling and acting in the classroom. The research is justified by the need to better understand the disorder, still little discussed and studied in everyday school life, and to recognize ways of identifying it in the first years of schooling. It is a theoretical study based on bibliographic research in books and scientific articles, updated with current legislation, especially Brazilian Law No. 14,254/2021, and with the DSM-5-TR criteria. The aim is to help teachers recognize signs of the disorder and work with these children so that they can overcome their difficulties and reach adequate levels of emotional and cognitive development. The paper also shows the challenges children face when starting school and the school's great mission of welcoming and teaching them, supporting their cognitive and social development.

Keywords: School; ADHD; Development; Inclusion.

INTRODUÇÃO

Compreender os fatores que levam à falta de concentração ou à pouca atenção dos alunos em sala de aula tem preocupado professores e especialistas, que buscam estudá-los para aprimorar o trabalho com crianças e adolescentes.

Nessa linha, destaca-se que incluir significa fazer parte, inserir, tornar as pessoas participantes da vida econômica, política e social, com respeito aos seus direitos perante a sociedade, o Estado e o poder público.

O TDAH tem sido objeto de estudos nos últimos anos, mas de forma ainda pouco conclusiva para os educadores, que recebem poucas orientações sobre como identificar e acompanhar adequadamente esses alunos. Alguns fatores do desenvolvimento na primeira infância, como a dificuldade para dormir e para se acalmar, podem colocar a criança em grupo de risco e, por falta de informação, ela passa sem o acompanhamento devido.

Diante disso, pergunta-se: como a escola pode contribuir para a identificação do TDAH? A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender melhor o transtorno, ainda pouco comentado, e de buscar formas de identificá-lo já nos primeiros anos escolares, fase em que ele geralmente é percebido.

Quanto à dimensão do problema, a revisão sistemática com metarregressão de **Polanczyk et al. (2007)** estimou prevalência mundial de TDAH em torno de 5% entre crianças e adolescentes. No Brasil, uma revisão sistemática encontrou prevalências entre 0,9% e 19,4% nos estudos analisados e entre 0,9% e 5,8% nos de maior rigor metodológico, valores próximos aos da estimativa mundial **(ROSA, 2015).**

A variação entre os estudos mostra o peso dos critérios adotados e reforça a necessidade de avaliação clínica criteriosa, evitando tanto o rótulo apressado quanto a ausência de acompanhamento.

Buscou-se ainda investigar o funcionamento psicológico da criança com TDAH, a fim de compreender os aspectos gerais que envolvem o diagnóstico.

Observa-se que nem todo aluno agitado é hiperativo e que família e escola precisam conhecer os diversos componentes sociais que podem levar a criança a se comportar de modo não convencional. Ambas precisam de paciência, disponibilidade e, sobretudo, de conhecimento sobre o transtorno, para oferecer o tratamento adequado a cada situação, estimulando a capacidade de atenção da criança e valorizando seu potencial.

Entender o TDAH é perceber o desenvolvimento da criança na escola diante dos desafios do transtorno, analisar os alunos no contexto escolar,

identificar o papel da escola e reconhecer a importância do trabalho conjunto com a família. Algumas características comuns às crianças hiperativas podem ser percebidas pelo professor em sala de aula, mas uma das maiores dificuldades identificadas é a agressividade.

Do ponto de vista clínico, o TDAH é classificado como transtorno do neurodesenvolvimento. Segundo o **DSM-5-TR** (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023), o diagnóstico exige um padrão persistente de desatenção e/ou de hiperatividade e impulsividade, com seis ou mais sintomas em um dos grupos (no caso de crianças), por pelo menos seis meses, em grau incompatível com o nível de desenvolvimento, com início antes dos 12 anos, presente em dois ou mais contextos, como casa e escola, e com prejuízo no funcionamento social ou escolar.

O quadro pode se apresentar de forma predominantemente desatenta, predominantemente hiperativa e impulsiva ou combinada, e costuma coexistir com outras condições, como o transtorno opositivo-desafiador e dificuldades de aprendizagem, estes presentes em cerca de 20% a 60% das crianças com TDAH **(MANUAL MSD, s.d.).** O diagnóstico é clínico e cabe a profissionais de saúde; à escola cabe observar, registrar e encaminhar, e não diagnosticar.

Mesmo sendo comum, a agressividade é, para grande parte dos professores, um obstáculo em sala de aula. Muitas vezes a criança enfrenta dificuldades de aprendizagem e de convivência, em casa, na escola ou em outros espaços sociais, porque tende a agir por impulso, sem refletir sobre os diferentes caminhos para resolver problemas, como nas brigas com irmãos e colegas, quando é contrariada ou diante de frustrações.

Quando expostas a situações de contrariedade, as crianças hiperativas costumam reagir de imediato, conforme suas necessidades, o que leva o professor, diante dessas dificuldades, a preferir lidar com crianças passivas e calmas, que não demonstram insatisfação nem agressividade **(BOSSA, 2002).**

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) tornou-se um termo comum entre as pessoas e, em especial, dentro das escolas e entre os

professores. É frequente ouvir que crianças agitadas são hiperativas sem que se conheçam os sintomas e sem que um profissional tenha feito o diagnóstico correto **(BARKLEY, 1990).**

Silva (2003) ressalta que as causas do TDAH ainda não são totalmente conhecidas nem comprovadas cientificamente, embora algumas já possam ser identificadas. Para o autor, a pessoa considerada hiperativa apresenta pelo menos seis das seguintes características: não percebe detalhes ou comete erros por descuido, tem dificuldade para manter a atenção e parece não ouvir, tem dificuldade para se organizar e seguir instruções e evita tarefas que exigem maior esforço mental.

É uma criança que com frequência esquece ou perde objetos necessários para uma atividade, distrai-se com facilidade e é esquecida nas tarefas do dia a dia.

Conhecer as especificidades do TDAH é importante para que os possíveis problemas de aprendizagem não atrapalhem o desenvolvimento natural da criança. É preciso educá-la e prepará-la para aprender, considerando seus limites e possibilidades em cada momento do desenvolvimento, o espaço em que vive, suas amizades, a integração ao grupo e o contato com o mundo à sua volta **(MATOS, 2005, p. 16).**

De acordo com **Matos (2005**), nas avaliações os erros são visíveis e comuns, sobretudo os de distração, como troca de sinais, vírgulas e acentos. A concentração é fundamental para o bom funcionamento da memória; por isso essas crianças são tidas como “esquecidas”: esquecem recados, materiais escolares e o que estudaram na véspera da prova, queixa muito frequente dos pais.

Há ainda casos em que a criança com TDAH se torna “a preferida dos professores por ser muito bem-comportada, cordial, educada”, e é preciso verificar se esse comportamento passivo é verdadeiro ou se é uma forma de não aceitar frustrações, evitando o confronto direto quando deveria defender suas opiniões e objetivos.

É preciso atenção, segundo **Bossa (2002),** porque os sentimentos de raiva e agressividade que não forem mais contidos podem vir à tona de maneira explosiva e violenta, o que pode se tornar visível na adolescência ou até na fase adulta.

Assim, os pais também precisam estar atentos, e não apenas a escola. É preciso que deixem claro quando a criança deixa de seguir as regras de funcionamento do lar e da escola, mas sem ameaças, repressão ou castigos, que geram mais agressividade.

O caminho é usar técnicas de acompanhamento e traçar metas de curto, médio e longo prazo, cuidando para que sejam cumpridas, o que favorece a organização do tempo de cada tarefa, tanto para pais e crianças quanto para professores, já que o trabalho coletivo tende a gerar melhores resultados **(BOSSA, 2002).**

Não se pode esquecer que a família da criança hiperativa tem papel fundamental no diagnóstico e na superação das dificuldades. Em razão do déficit de inibição comportamental, a criança em geral não consegue pensar bem nas possíveis consequências de seus atos e necessita de maior controle externo, o que exige uma série de posturas por parte dos pais **(GOLDSTEIN, 1994).**

Também é necessário que os professores ofereçam atividades diferenciadas para ocupar ao máximo o tempo ocioso da criança, dando-lhe liberdade de escolha, porém com controle, para que ela não extrapole esse direito e prejudique o trabalho pedagógico em sala. Por isso é preciso um melhor acompanhamento da escola, dos especialistas e dos pais, para que se realize a inclusão de que tanto se fala e que nem sempre acontece por falta de interesse e de **informação (CANTWELL, 1996, p. 32).**

> A criança pode apresentar sintomas variáveis, desde casos leves ou até discretos até um quadro mais comprometedor, o que se torna um grande desafio para todos os envolvidos, inclusive a escola **(MATOS, 2005, p. 22).**

De acordo com **Matos (2005),** professores, pais e demais pessoas que convivem com crianças hiperativas podem passar por elevado nível de estresse, e essas crianças são apontadas como mal-educadas, preguiçosas, desobedientes ou mal adaptadas ao meio, por não corresponderem às expectativas dos adultos.

Evidencia-se, a partir das considerações do autor, que o termo TDAH pode se tornar um rótulo. Pais, professores, orientadores educacionais e médicos que acompanham a criança devem manter contato estreito. Além do acompanhamento dos profissionais e da família, é importante que a criança se sinta bem no ambiente de que faz parte, que deve ser adequado, receptivo e, sobretudo, tratá-la com respeito e dignidade.

Isso exige também investimentos contínuos, mudanças na legislação, projetos pedagógicos diferentes, novos mecanismos e a construção de novos espaços.

No plano legal, a Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021, determina que o poder público desenvolva e mantenha programa de acompanhamento integral para educandos com dislexia, TDAH ou outro transtorno de aprendizagem, que compreende identificação precoce, encaminhamento para diagnóstico, apoio educacional na rede de ensino e apoio terapêutico especializado na rede de saúde **(BRASIL, 2021).**

A lei obriga as escolas de educação básica, públicas e privadas, a garantir cuidado e proteção a esses estudantes, com apoio da família e dos serviços de saúde, e prevê que os sistemas de ensino assegurem aos professores acesso à informação e formação continuada para identificar sinais precoces desses transtornos e oferecer atendimento educacional adequado **(BRASIL, 2021).**

Dessa forma, a identificação precoce e a formação docente deixam de ser iniciativas isoladas e passam a ser obrigações previstas em lei.

A inclusão parte da ideia de que as diferenças humanas são normais, mas aponta que as escolas podem tornar as desigualdades mais presentes,

pautadas em questões sociais, culturais e políticas. Por isso a educação inclusiva deve buscar uma educação de qualidade para todos os alunos, hiperativos ou não **(ANDRADE, 2000).**

Como a criança hiperativa não gosta de permanecer muito tempo na mesma atividade, cabe ao professor oferecer atividades diversificadas. Escola e família podem, por meio de atividades lúdicas, fazer com que a criança se sinta parte do grupo e da família; para isso podem ser usados jogos de memória, quebra-cabeças, jogos de sequência e atividades com cores, números e letras, evitando propostas longas, cansativas e repetitivas.

Outra estratégia eficaz é organizar com os alunos uma agenda de atividades a serem planejadas e realizadas por eles ao longo do dia **(ANDRADE, 2000, p. 37**). Nesse sentido, é importante que família e escola compreendam que, se o convívio social é importante para o desenvolvimento de qualquer criança, para quem tem TDAH não é diferente, e que cabe a ambas desenvolver as habilidades dessa criança.

Orientações atuais para o contexto escolar convergem nessa direção: reduzir ruídos e excesso de estímulos visuais na sala, ajustar a duração das tarefas, manter o aluno próximo do professor, usar novidade para sustentar o engajamento e organizar rotinas e limites claros, em casa e na **escola (MANUAL MSD, s.d.).**

O tratamento, que pode combinar intervenção comportamental e medicamentos, é definido por profissionais de saúde; ao professor cabe observar, registrar e informar como o aluno se comporta no ambiente escolar, colaborando com a equipe que o acompanha.

Considerações

Sabe-se que as crianças representam uma possibilidade de futuro melhor e que o hoje é a semente da árvore de amanhã. A pesquisa mostra que o TDAH é, atualmente, uma preocupação tanto para a família quanto para a escola e está associado a sintomas de ordem organizacional e emocional que podem ser vistos apenas como algo patológico, e não como possibilidade de

bom desenvolvimento quando o quadro é identificado e trabalhado de maneira correta, já que muitas vezes a sociedade tem crianças talentosas, intuitivas e criativas que não são valorizadas.

Ao longo da vida escolar, a criança hiperativa lança desafios aos professores, aos pais e aos profissionais da saúde, para que reflitam e mudem seus modelos de pensamento, de intervenção e de interação, pois não aceita ser vítima de métodos padronizados, sobretudo de ensino. Ainda assim, ela tem os mesmos desejos das demais crianças: ser tratada como ser humano, receber afeto e ser respeitada como sujeito capaz de se responsabilizar por seu processo de aprendizagem.Considera-se, assim, importante que a escola ofereça a essa criança proposta metodológicas diferenciadas, como orientações curtas e breves, menor quantidade de tarefas e questões nas avaliações, exercício constante das habilidades motoras e da percepção visual, valorização do trabalho cotidiano em sala e, principalmente, ênfase em suas qualidades, como a criatividade e a generosidade, muito marcantes nessas crianças.Portanto, é necessário observar a interação da criança com o meio em que está inserida. Nesse sentido, o professor desempenha papel importante na identificação da hiperatividade em crianças em idade escolar, pois o quadro fica mais evidente nesse período, em que se exige maior nível de concentração para realizar as atividades. Com observação atenta, registro e encaminhamento adequado, a escola contribui para a aprendizagem do aluno e para sua inserção na sociedade sem preconceito e discriminação, em um meio onde ele se sinta bem, feliz e parte do grupo.

ISSN- 2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, Cláudio. Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, 2005.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5-TR: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artmed, 2023.

ANDRADE, Ênio Roberto de. Indisciplinado ou hiperativo. Nova Escola. São Paulo, nº 132, 2000.

BARKLEY, R. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Porto Alegre: Editora Artmed, 1990.

BOSSA, Nádia A. A Psicopedagogia no Brasil. Contribuições a Partir da Prática. Porto Alegre, Artes Médicas, 2002.

BRASIL. Lei nº 14.254, de 30 de novembro de 2021. Dispõe sobre o acompanhamento integral para educandos com dislexia ou Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou outro transtorno de aprendizagem. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 1 dez. 2021, Seção 1, p. 5.

CANTWELL, D.P.; SATTERFIELD, J.H. The prevalence of academic underachievement in hyperactive children. J Pediatr Psychol, 1996.

GOLDSTEIN, Sam. Hiperatividade: como desenvolver a capacidade de atenção da criança. 4 ed. Campinas: Papirus, 1994.

MANUAL MSD. Versão para profissionais: transtorno de déficit de atenção/hiperatividade (TDAH). Disponível em: https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/pediatria/distúrbios-de-aprendizagem-e-desenvolvimento/transtorno-de-déficit-de-atenção-hiperatividade-tda,-tdah. Acesso em: 1 nov. 2026.

MATOS, E.G. Matos, T.M.G.; Matos, G.M.G. A importância e as limitações do uso do DSM-IV na prática clínica. 2005. TOPAZEWSKI Abram. Hiperatividade: como lidar? São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

POLANCZYK, G. et al. The worldwide prevalence of ADHD: a systematic review and metaregression analysis. American Journal of Psychiatry, v. 164, n. 6, p. 942-948, 2007.

ROSA, Maria Tereza Néri. Prevalência do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em crianças e adolescentes brasileiros: revisão sistemática. 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,

ISSN- 2966-0785 REVISTA ACADÊMICA DA LUSOFONIA

Uberlândia, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/21603.